



## Leitura de Estampa – **Goya Lopes** [Salvador, Bahia, 1954]

**Tumbeiro**, 2010

Original corte de tecido de tricoline azul royal, estampa em silkscreen cru e azul claro, 200 x 140 cm

Goya Lopes Design Brasileiro. Aquisição pela loja online, 2016.

**Professor(a),**

Apresentamos propostas de leitura de obra e de prática artística com base na estampa Tumbeiro, da artista plástica e designer têxtil Goya Lopes. Formada em Belas Artes pela UFBA, com especialização em Design na Universidade Internacional de Artes de Florença, criou em 1986 a marca Didara ("bom", em iorubá); até seu encerramento em 2013 e criação da marca Goya Lopes Design Brasileiro, em 2010, para moda e decoração. Seu objetivo era usar a estamparia como técnica para contar a ancestralidade africana no Brasil, especialmente na Bahia.

Sugerimos que, para a realização dessas propostas, você procure incentivar a participação dos alunos e ouvir suas respostas, considerando suas opiniões e estimulando-os a refletir sobre eles. Oriente esse percurso acrescentando, quando considerar pertinente, as informações contidas neste material e outras que possam surgir de sua própria pesquisa, ampliando gradualmente as complexidades de relações e reflexões na abordagem da imagem.

**Orientações e sugestões para leitura da estampa**

Procure criar um ambiente confortável com os educandos, de modo que se sintam a vontade para expor suas impressões. Sugerimos que sentem em roda, uma forma de organização, vendo-se de frente. A leitura da imagem de estampas é aberta a interpretações, permite uma diversidade de respostas. Durante esse processo é comum que os temas discutidos se distanciem da imagem analisada. Nesta situação, é importante orientar os alunos a voltar a olhar a obra em questão e à troca de ideias sobre ela.

Sugerimos um caminho para a leitura de estampa por meio de algumas questões. Fique à vontade para ampliar e criar outras abordagens, considerando as próprias respostas e ideias dos alunos nesse percurso. Mostre a estampa ao grupo e incentive sua observação, do todo e dos detalhes. Dê um tempo para que observem e deixe a imagem sempre visível durante a leitura. Você pode iniciar perguntando:

**O que podemos reconhecer nesta imagem?**

**O que parece estar acontecendo?**

**Que elementos apontam para essa possibilidade?**

**Podemos identificar pessoas na imagem?**

**Quem seriam essas pessoas? Há homens e mulheres? Estão vestidas?**

**Onde estas pessoas estão?**

**O espaço é suficiente para todas? Como estão acomodadas?**

**Estão viajando? Há quanto tempo?**

**Para onde elas vão? Seria um destino longe?**

A partir das respostas dos alunos, tente estruturar as características, qualidades e informações levantadas. Neste trabalho de Goya Lopes, são visíveis muitas características de suas obras anteriores, como a discussão como a cultura africana no Brasil. Assim como os tecidos tradicionais de diferentes culturas da África (adires iorubas, em suas versões alabere, oniko e eleko; os tinturados "kubas" do Congo; os

listrados tinturados "kikois" do Quênia; o batik da Nigéria; o "bogolan" do Mali e o "adinkra" do Gana), as estampas de Goya buscam sempre transmitir uma mensagem. Mas, diferente dos tecidos africanos, que utilizam símbolos próprios de cada etnia, Goya se utiliza de ilustrações para narrar a história dos negros africanos no Brasil.

Chame a atenção dos alunos para as cores saturadas da estampa; típicas dos tecidos *wax-print*<sup>1</sup> e *fancy-print*<sup>2</sup>, tecidos estampados holandeses, que são utilizados em quase todo o continente africano, desde o final do século XIX, no processo de colonização.

Verifique se alguém identificou as pessoas desenhadas na estampa, como escravos africanos, sendo trazidos ao Brasil nos navios negreiros. Complete e contextualize essa informação, apresentando os navios negreiros.

Os Tumbeiros eram navios para o tráfico de escravos, principalmente os africanos, até o século XIX, na chamada escravidão moderna. Estes navios negreiros recebiam este novo de Tumbeiros, pois cerca de um quarto dos escravos morria durante a viagem. Isto ocorria devido à alta quantidade de pessoas transportadas, amontoadas, sem condições mínimas de higiene, saúde e segurança. Há registros de navios que transportaram até 600 escravos, como foi o caso do l’Aurore, que media apenas 30 metros de comprimento e 8 metros de boca<sup>3</sup>. A capacidade comum era de 400 escravos, mas os comerciantes aumentavam este número visando o lucro das vendas e minimizar os custos das viagens. Mesmo com o fim do tráfico, em 1850 com a Lei Eusébio de Queirós, os navios com africanos escravizados continuaram a aportar na costa brasileira.

**O que vocês imaginam que acontecia nos porões desses navios tumbeiros? Como era o ambiente?**

**Já viram imagens, pinturas e relatos sobre como eram estes navios?**

O objetivo dessas questões é fazer com que os alunos compartilhem e fundamentem com informações, suas interpretações sobre os tumbeiros. Ouça atentamente e relacione as referências que os alunos levantarem. Observe junto aos estudantes quem deseja falar sobre essas questões, sem inibir ou forçar os estudantes que não estiverem a vontade.

Na estampa, aparecem duas figuras humanas margeando o navio, que não estão na mesma posição dos escravos nos porões. Encaminhe agora a leitura para o significado destas figuras, com a cultura trazida pelos negros africanos:

<sup>1</sup> Estamparia por reserva, utilizando cera.

<sup>2</sup> Estampa utilizada na África, com padrões em desenhos multicoloridos.

<sup>3</sup> RAMBELLI, Gilson. Tráfico e navios negreiros: contribuição da Arqueologia Náutica e Subaquática. Disponível em: <[http://www.revistanavigador.com.br/navig4/art/N4\\_art4.pdf](http://www.revistanavigador.com.br/navig4/art/N4_art4.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2016.

**Vocês conseguem identificar outras pessoas, além das que estariam deitadas?**

**Quem são elas?**

**O que elas representam?**

Com base nas respostas, volte as atenções às silhuetas das duas figuras femininas de perfil. Verifique se houve associações com estatuetas africanas. Chame a atenção para o fato de serem representações de mulheres, visto que diversas etnias africanas reverenciavam o feminino como o poder de fertilidade da terra, fecundidade das mulheres e continuidade da vida humana. Caso queira apresentar imagens, busque esculturas bambara, attie, yombe e luba.

**Proposta Poética**

Com essas questões e reflexões, podemos introduzir um poema do escritor baiano Castro Alves, no qual falou sobre esta travessia que os escravos africanos fizeram para o Brasil. A proposta é investigar o poema O Navio Negreiro, um épico-dramático, da obra “Os escravos”, onde denuncia a escravidão e faz uma recriação poética das cenas do transporte de escravos no porão dos navios negreiros.

**O Navio Negreiro**

Tragédia no mar – Castro Alves [São Paulo, 18 abr. 1869]

IV

*Era um sonho dantesco... o tombadilho*

*Que das luzernas avermelha o brilho.*

*Em sangue a se banhar.*

*Tinir de ferros... estalar de açoite...*

*Legiões de homens negros como a noite,*

*Horrendos a dançar...*

*Negras mulheres, suspendendo às tetas*

*Magras crianças, cujas bocas pretas*

*Rega o sangue das mães:*

*Outras moças, mas nuas e espantadas,*

*No turbilhão de espectros arrastadas,*

*Em ânsia e mágoa vãs!*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...*

*E da ronda fantástica a serpente*

*Faz doudas espirais ...*

*Se o velho arqueja, se no chão resvala,*

*Ouvem-se gritos... o chicote estala.*

*E voam mais e mais...*

*Presa nos elos de uma só cadeia,*

*A multidão faminta cambaleia,*

*E chora e dança ali!*

*Um de raiva delira, outro enlouquece,*

*Outro, que martírios embrutece,*

*Cantando, geme e ri!*

*No entanto o capitão manda a manobra,*

*E após fitando o céu que se desdobra,*

*Tão puro sobre o mar,*

*Diz do fumo entre os densos nevoeiros:*

*"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!*

*Fazei-os mais dançar!..."*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...*

*E da ronda fantástica a serpente*

*Faz doudas espirais...*

*Qual um sonho dantesco as sombras voam!...*

*Gritos, ais, maldições, preces ressoam!*

*E ri-se Satanás!...*

Para iniciar a proposta poética, peça para que leiam este trecho do poema individualmente e anotem o que cada um acha diferente, estranho, interessante, etc. Estimule-os a compartilhar suas anotações e a responderem às questões uns dos outros. É importante que o docente faça uma pesquisa apurada sobre as leituras e contextos que envolvem a construção desse poema a fim de, introduzir aos poucos para a turma, na medida em que vão aparecendo as questões. Após debater as dúvidas, aprofunde a reflexão sobre o poema investigando com a turma:

**Este trecho do Poema de Castro Alves descreve um navio negreiro. Vocês conseguem identificar o que ocorria com as mulheres mães? E com as moças e com os velhos?**

**O poema parece retratar o mesmo ambiente da estampa de Goya? Quais elementos da estampa Tumbeiro apontam para isso?**

Agora, vamos retomar como referência algumas obras contemporâneas sobre tráfico negreiro. Separe a sala em grupos. O professor pode sortear os vídeos listados abaixo e outros que julgar interessantes entre os diversos grupos.

**Vídeos e músicas que retratam o tráfico negreiro e escravidão:**

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro (O Rappa); A carne (Elza Soares, compositor Seu Jorge); Salve Geral (Aláfia); Tráfico Negreiro<sup>4</sup> (artista plástico Tiago Gualberto); Amistad (filme do diretor Steven Spielberg); 12 Anos de Escravidão (filme do diretor Steve McQueen); Django Livre (filme do diretor Quentin Tarantino); entre outras que os próprios alunos podem sugerir.

Depois de sorteadas, peça aos alunos que assistam com atenção o vídeo que lhes coube (é possível ouvir as músicas e ver os vídeos mais curtos na sala de aula). Uma vez analisadas as obras e seu contexto de produção; estimule os alunos que representem em uma estampa o teor da obra que lhes coube.

Eles poderão estampar símbolos, gravuras e ilustrações em um artigo têxtil, com canetas e tintas para tecido. Apresente todas as estampas à sala para debater os aspectos o tráfico negreiro, por meio das imagens.

<sup>4</sup> GUALBERTO, Tiago. Tráfico Negreiro, 2009. Disponível em: <<https://vimeo.com/27736707>>. Acesso em: 06 jun. 2016.



## Leitura de Estampa – Companhia Fabril Mascarenhas [Alvinópolis, Minas Gerais, 1887]

### Chitão

Original tecido de morim, 100% algodão, artigo Juliana (Reps), Desenho 2023 – variante 2, estampa em cilindros rotativos, 3000 x 140 cm

Aquisição pela loja Niazi Chohfi Artefatos Têxteis, 2016.

#### Professor(a),

Esta prancha é parte integrante do material didático “O Estampar na Arte-Educação” e tem como tema norteador a reflexão sobre a estamparia como uma linguagem artística. Na presente prancha, a estampa a ser observada é um Chitão, uma variação do tecido Chita, com estampas mais largas e flores maiores. Aqui apresentamos algumas possibilidades de leituras de estampa e proposta poética para estimular a pesquisa e a autonomia do professor frente à imagem e ao tema.

#### O que você vê nesta estampa?

**Quais elementos você pode identificar? Quais detalhes chamam sua atenção?**

Antes de propor uma leitura de imagem com seus alunos, sugerimos que faça a sua própria leitura minuciosa e desenvolvida uma pesquisa geral sobre os contextos em que a estampa está inserida – principalmente o histórico, o socioeconômico e o estético. Assim, poderá verificar quais conteúdos precisam ser pesquisados e/ou aprofundados e vai relacioná-los com seu próprio repertório – por exemplo, o que já conhecia sobre a estampa, o contexto social e cultural da inserção deste tecido no Brasil, etc. Quando fizer a mediação da leitura desta estampa com seus alunos, você terá uma percepção mais ampla do que foi encontrado em pesquisa e já terá estabelecido uma relação mais pessoal com a imagem, com seus conteúdos. Provavelmente já terá considerado algumas interpretações, que certamente serão complementadas e ampliadas com os comentários dos seus alunos.

Uma estratégia de aproximação consiste em observar com cuidado, sem se preocupar com qualquer ordem de leitura. Se possível, tomar nota ou partilhar suas impressões e ideias com outras pessoas – deixar-se pensar livremente sobre o que vê, perceber quais pensamentos vêm à cabeça, construir novas relações a partir do que foi pesquisado anteriormente.

Para abranger a imagem como um todo, é necessário perceber o que chama sua atenção. Depois, é preciso olhar atentamente para o que não chamou a atenção de início e fazer o mesmo exercício de análise. A leitura da estampa é um exercício de crítica e organização de ideias. Quando compartilhada com outras pessoas, a troca de percepções nos ensina a comparar, aprender, interpretar e sentir de maneira ainda mais instigante. Captar cada detalhe pode nos dar subsídio para compreender o todo. Por exemplo, você observou que os tipos de flores (lírio, etc.)? O que a informação da origem dessas plantas (lírios de maioria das espécies asiáticas e europeias) contribui para compor sua percepção da estampa agora?

É importante esperar alguns minutos para que os alunos observem livremente, ou mesmo deixar que falem antes de organizar perguntas e respostas para dar continuidade à leitura.

Algumas perguntas podem estimular a turma. Por exemplo:

#### Já viu uma estampa como essa? Onde?

A chita é comumente encontrada nos vestuários e decoração de festas populares como Boi-Bumbá, Folia de Reis, Festas Juninas, Festa do Divino, Cortejo de Maracatu, entre outros festejos. Também foi um tecido marcante no Movimento Tropicalista e de ícones brasileiros como o apresentador de televisão Chacrinha e personagens, como Gabriela Cravo e Canela, do escritor Jorge Amado. Por fim, a alta moda aderiu à chita em seus trajes de passarela, seguindo a pioneira estilista Zuzu Angel.

Observe com seus alunos as questões formais a que se refere a estampa Chita e Chitão. Verifique com eles como esses elementos repercutem na leitura da estampa. Algumas questões que podem estimular a discussão:

**Quais as cores predominantes? Há contraste de cores entre o fundo e os demais planos?**

**Conseguimos reconhecer que flores são essas representadas?**

**Além de plantas, existem outros elementos?**

**As folhas e flores parecem ser de que lugar? Do Brasil?**

**De outro país?**

**Como a estampa parece ter sido feita? Por observação, criação livre?**

**Será que o designer registrou os elementos exatamente como eles são? Seriam ilustrações fieis à realidade? Como chegou a esta conclusão?**

Não é necessário levantar todas essas questões. As questões que serão utilizadas dependem do nível de participação e de engajamento da turma durante a leitura.

Complemente as respostas, confirme considerar necessário. A chita é um tecido derivado do chint ou chitra indiano (significa mancha em sânscrito), que é produzido desde o século XI. Devido à religião islâmica e hindu, os tintureiros não podiam desenhar figuras humanas ou animais em seus tecidos. Os tintureiros eram considerados homens impuros, por lidarem com materiais como urina, para produzir as estampas. Este tecido só foi conhecido pelo Ocidente no século XV, inspirando o chintz inglês, o indienne ou toile peinte francês e o mezzaro italiano. A chita chegou ao Brasil no século XVII como moeda de troca de escravos, pelos colonizadores portugueses. Em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco se iniciou a produção de chita brasileira, seguindo os padrões florais dos tecidos europeus (rosas, lírios, hibiscos e papoulas). Mas, com a chegada dos tecidos holandeses e japoneses "royal dutch wax" ou "wax-print", em 1914, as cores se tornaram mais saturadas e a flores mais chamativas. As tecelagens brasileiras, como a Fiação e Tecelagem São José, Fábrica Bangu, Companhia Fabril Mascarenhas, S. A. Estamparia começaram a produção de

derivações brasileiras da chita, como a chitinha (com flores menores) e o chitão (com flores grandes)<sup>1</sup>.

Tanto numa leitura quanto numa leitura de estampa, nem sempre teremos todos os dados sobre um desenho ou fato histórico, por exemplo, mas é de nossa responsabilidade apresentar os resultados.

Não devemos escolher uma das possibilidades de interpretação e ignorar as restantes que são viáveis, tampouco devemos considerar as informações como verdades absolutas. Tudo pode ser revisto e rediscutido à luz da pesquisa, levando em conta as novas possibilidades de leituras do mundo e os sentidos construídos pelos indivíduos frente à estampa. Estimule-os a expandirem suas interpretações.

#### A imagem da noção de profundidade?

**Qual a técnica que o designer parece ter utilizado?**

**Sobre o tecido, no qual a estampa foi aplicada, como ele é? Parece ser um tecido nobre, de fios caros e estrutura complexa, ou um tecido com de simples, materiais baratos e populares?**

Comente que o tecido que foi estampado se chama morim. Esse tecido possui uma estrutura simples, de tela, e é tecido com fios de algodão. Em 1916, estudantes de arte do Recife, na tecelagem Pernambuco Algodoeira, criaram estampas com florais, aplicados em um fundo plano, em até cinco cores saturadas, estampadas com cilindros rotativos de silkscreen sobre o tecido de morim. As flores tradicionais dos tecidos de chita europeus (lírios, papoulas e rosas, mas sem os ornamentos neoclássicos da chita europeia) cobriam as imperfeições abertura da trama do morim. Esta versão brasileira da chita barata e atraente, se popularizou, combatendo a concorrência holandesa que era vendida no Brasil<sup>1</sup>.

A partir das contribuições trazidas pelos alunos, observe se houve falas superficiais, comentários que podem ser mais detalhados. Prepare o tecido para ser visto por cada aluno de perto, podendo tocar, sentir a textura do tecido e ver de perto cada detalhe.

**O que mais poderia ser analisado que não foi observado à primeira vista?**

**O que aparece nos detalhes da imagem?**

#### Proposta Poética

As chitas reúnem cores sólidas e sem profundidade. Apesar disso, os elementos referenciados instigam o tato, olfato e paladar. Realize uma experiência tátil com os alunos, em que eles vão aplicar texturas e tridimensionalidade a um tecido plano.

Oriente a turma a coletar com antecedência diversos materiais que considerem característicos da chita: flores, cascas e frutas, folhas, ramos e outros. Estimule-os a procurar elementos com diferentes texturas, cores, formas e que sejam da região onde moram ou estudam.

A intenção não é copiarem a estampa em tridimensionalidade, mas experimentarem a criação de um tecido floral chita, com processos em que se sintam desafiados pelas diferentes características dos materiais, ao combiná-los e acumulá-los num trabalho, testando seus limites e suas relações, procurando soluções enquanto criam.

Peça para que se organizem em grupos de cinco ou seis alunos. O ideal é que cada equipe use um tecido sem estampa, branco ou colorido, como suporte; com pelo menos o 1 metro de comprimento. Para a criação, oriente-os a colocar o tecido em cima das carteiras ou no chão, para que possam transitar ao seu redor e deixar os materiais que vão utilizar a vista. Para juntar e fixar no tecido, podem utilizar diferentes recursos, costura com linha e agulha, cola para tecido, grampeadores, fita adesiva, entre outros materiais.

Se necessário, deixem os trabalhos secarem por um tempo antes de colocarem na vertical. Observem como os elementos se comportam com essa ação, se as partes permanecem unidas, se não descolam, etc.

Proponha a observação e uma conversa sobre os trabalhos uns dos outros. Você pode partir de algumas questões disparadoras:

**O que mais chama atenção em cada trabalho?**

**Como cada grupo usou as flores, plantas e frutos?**

**Como relacionaram as formas, texturas e cores?**

**Os grupos utilizaram outros elementos?**

**Quais os resultados dessa combinação?**

**As obras adquiriram volume, cheiro?**

Você pode também pedir aos alunos que relatem como foi a experiência, quais os principais desafios que surgiram durante o processo e como chegaram as soluções empregadas.

Peça também que anotem como os trabalhos se “transformam” ao longo dos dias. Se tiverem como fotografar, podem criar um diário fotográfico, tirando uma foto por dia durante uma semana, por exemplo. Promova a observação e uma conversa sobre esses registros ao final.

<sup>1</sup> MELLÃO, Renata. Que Chita Bacana. São Paulo: Ed. A Casa-Casa Museu do Objeto Brasileira, 2005.